

ESTADO DA ARTE DOS PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO SOBRE O CÂNCER DE MAMA: OS ESTUDOS REALIZADOS DE 2016 A 2024 NO BRASIL¹

Mariana Beatriz Santos MANSO²

Isabelly Barbosa MOTA³

Judy Lima TAVARES⁴

Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Manaus, AM

RESUMO

Este estudo, realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, investiga os processos comunicacionais do câncer de mama identificados em trabalhos publicados no período de 2016 a 2024. O levantamento foi feito a partir dos descritores Comunicação em saúde, Câncer de mama, Feminilidade, Outubro Rosa e Processos comunicacionais. A coleta de dados nos permitiu identificar os estudos de Antonio (2023), Teodoro (2019), Vidotti (2019), Andrade (2022) e Ferreira (2019). Os resultados indicam a importância de uma comunicação empática para os pacientes. Destacamos, ainda, que a comunicação investigada promoveu uma reconstrução emocional e a identidade de pacientes, enfatizando a importância das redes de apoio.

PALAVRAS-CHAVE: Câncer de mama; Comunicação em saúde; Feminilidade; Outubro Rosa; Processos comunicacionais.

INTRODUÇÃO

O câncer de mama é uma das doenças da atualidade que predomina na vida das mulheres brasileiras e no mundo, trazendo, além de desafios médicos, questões emocionais e sociais. A forma como uma informação é dita e logo depois interpretada influencia no cotidiano de quem

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT) Comunicação, Divulgação Científica, Saúde e Natureza na Amazônia, evento integrante da programação do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 28 a 30 de maio de 2025.

² Estudante de Graduação do 3º semestre do curso de Relações Públicas da FIC-UFAM.
E-mail: mariana.manso@ufamedu.br.

³ Estudante de Graduação do 3º semestre do curso de Relações Públicas da FIC-UFAM.
E-mail: isabelly.mota@ufamedu.br.

⁴ Orientadora do trabalho. Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora Associada da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Líder do Encontro das Águas: grupo de pesquisa em Comunicação e Saúde na Amazônia, e-mail: judy@ufamedu.br.

a recebe. Ao se falar de algo sério como uma doença, a forma de como é comunicada pode induzir como será a prevenção e no diagnóstico precoce.

A comunicação quando se relaciona com a saúde desempenha um papel importante para a conscientização e o enfrentamento de qualquer diagnóstico. Em relação ao câncer de mama, no Brasil, campanhas como “Outubro Rosa” apontam como estratégias comunicacionais podem motivar e conscientizar mulheres e homens ⁵que o autoexame e acompanhamento médico são importantes.

Além de campanhas realizadas no país, a comunicação, no contexto da doença, envolve uma rede complexa de interações entre os profissionais e os pacientes. O modo como uma doença é comunicada em meios de comunicação e plataformas *online* pode influenciar a percepção pública e as atitudes em relação ao tratamento. Assim, este trabalho⁶ objetiva investigar os processos comunicacionais do câncer de mama identificados em trabalhos publicados no período de 2016 a 2024, a partir da pesquisa bibliográfica.

METODOLOGIA

Desenvolvemos este estado da arte através de uma pesquisa bibliográfica voltada à análise dos processos comunicacionais sobre o câncer de mama, utilizando teorias já publicadas em trabalhos acadêmicos.

Coletamos os dados exclusivamente na "Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações" (BDTD), e selecionamos trabalhos acadêmicos publicados a partir de 2016 até 2024, que abordassem as dinâmicas comunicacionais do câncer de mama. Excluímos qualquer tipo de estudo que tivesse algum foco medicinal, priorizando aqueles que exploravam experiências sociais no enfrentamento da doença. Inicialmente, realizamos buscas na área da comunicação, resultando na seleção de seis trabalhos. Após uma análise detalhada, descartamos três estudos por não atenderem aos critérios relacionados ao tema que procurávamos, finalizando com cinco referências.

⁵ De acordo com dados retirados do portal Câncer de Mama Brasil, homens transgênero têm cerca de 2% de risco vitalício de desenvolver câncer de mama, índice menor que o das mulheres cisgênero (aproximadamente 12%). Embora esse risco seja relativamente baixo, não deve ser negligenciado, especialmente quando o indivíduo não realizou mastectomia ou possui histórico familiar da doença. Assim, o rastreamento e o acompanhamento médico continuam sendo fundamentais para a prevenção e o diagnóstico precoce.

Disponível em: <<https://www.cancerdemamabrasil.com.br/cancer-de-mama-em-transsexuais/>> acesso em: 16 abr. 2025.

⁶ Esta reflexão é fruto de um trabalho acadêmico desenvolvido na disciplina Metodologia da Pesquisa Científica, ofertada no 2º período do curso de Relações Públicas da Universidade Federal do Amazonas. Os dados coletados apresentam potencial para o desenvolvimento de uma pesquisa de iniciação científica.

Em outro momento, criamos uma tabela com informações de cada trabalho, incluindo: referência (ABNT), objetivos, teoria utilizada, metodologia, resultados, lacunas encontradas e contribuições para a pesquisa. Essa tabela organizou os dados, e facilitou o objetivo de cada estudo que foi pesquisado. A nossa metodologia foi qualitativa e descritiva, com foco na análise de vivências emocionais e comunicacionais.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Ao reunir diferentes perspectivas, este estudo busca mapear as estratégias comunicacionais existentes, identificar desafios e apontar caminhos para aprimoramento da disseminação de informações na saúde, trazendo um suporte para as/os pacientes. Segundo Teodoro (2019), a presença do câncer de mama gera mudanças complexas na rotina familiar, demandando um apoio coletivo e uma adaptação diária. A comunicação torna-se um instrumento de acolhimento e reestruturação na família.

Convergindo na mesma direção, Antonio (2023) aponta a necessidade de explorar a reconstrução da feminilidade das mulheres que são submetidas ao tratamento e à mastectomia. O câncer impacta a percepção de si e do próprio corpo, o que exige não apenas intervenções médicas, mas também um cuidado comunicacional sensível, levando em consideração a fragilidade, o medo e a perda. A forma como as pacientes são orientadas e acolhidas por profissionais e familiares influencia sua autoestima, no tratamento e na ressignificação da identidade. A comunicação, nesse cenário, não é apenas informativa, mas se torna uma ferramenta terapêutica para o enfrentamento da doença.

Estudos realizados por Andrade (2022) e Vidotti (2019) apresentam pontos parecidos, discutindo a existência de barreiras na comunicação institucional, especialmente a diferença comunicacional do sistema público de saúde com as redes privadas e organizações não governamentais (ONGs). Ao examinarmos os dados estudados, é evidente que a linguagem médica, muitas vezes, se mostra técnica demais para as mulheres, desconsiderando as emoções das pacientes. Em contrapartida, mulheres atendidas por ONGs ou na rede privada de saúde apresentaram um tempo menor de espera e relataram maior acolhimento da parte da equipe.

Para Ferreira (2019), os efeitos no pós-tratamento revelam a importância das estratégias de enfrentamento emocional e do papel da comunicação ao longo da jornada. Dados apontam que 60% das mulheres enfrentam a doença focadas apenas em terminar o

tratamento, enquanto 58% demonstram resiliência e um grande índice de otimismo para encontrar uma cura. Esses fatores estão ligados à qualidade da comunicação estabelecida ao longo do tratamento, seja com outras mulheres que passam pela mesma situação e/ou com familiares e profissionais da saúde.

CONSIDERAÇÕES

Um ponto importante e pouco explorado nas pesquisas é a respeito da comunicação no contexto regional. Quando falamos da saúde na região norte do país, é impossível ignorar as desigualdades que impactam o acesso a serviços e qualidade de atendimento.

A distância entre a cidade e comunidades ribeirinhas (ou indígenas), por exemplo, cria barreiras simbólicas, nas quais o discurso não alcança os locais de maneira eficaz. A falta de profissionais na área e o número baixo de campanhas educativas dificultam a divulgação de informações.

Percebemos que a comunicação sobre o câncer de mama se torna cada vez mais desafiadora, se tornando cada vez mais complicada de alcançar mulheres e homens de diferentes culturas e idades. A ausência de estudos que contemplem especificamente a região norte também revela um apagamento acadêmico que contribui para a invisibilidade das vivências dessas mulheres. A comunicação pode ser um dos pilares não apenas para o sucesso do tratamento, mas, também, para a reconstrução da vida das/dos pacientes.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Lorena Sofia dos Santos. *Análise do atraso do sistema no diagnóstico e tratamento do câncer de mama*. Campina Grande: Universidade Estadual da Paraíba, 2022. Disponível em: <<http://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/4179>> acesso em: 14 out. 2024.

ANTONIO, Daliana. *Recosturas da feminilidade: experiências de mulheres com o câncer de mama*. Brasília: [s. n.], 2023. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/49028>> acesso em: 14 out. 2024.

CÂNCER DE MAMA BRASIL. *Câncer de mama em transsexuais*. Disponível em: <<https://www.cancerdemamabrasil.com.br/cancer-de-mama-em-transsexuais/>> acesso em: 16 abr. 2025.

FERREIRA, Mariana Barbosa Leite Sérgio. *Estratégias de enfrentamento, resiliência e otimismo em mulheres no pós-tratamento do câncer de mama*. Juiz de Fora, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/handle/ufjf/6827>> acesso em: 13 out. 2025.

TEODORO, Fernanda Castanho. *Famílias vivenciando o adoecimento do câncer de mama*. [S. l]: [s. n.], 2019. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/1884/66361>> acesso em: 17 out. 2025.

VIDOTTI, Janaina. *Descobrimo o câncer de mama: uma compreensão fenomenológica das vivências do processo de comunicação diagnóstica*. Ribeirão Preto, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.11606/D.59.2017.tde-29062017-083709>> acesso em: 14 out. 2025.